

□ café

Café Teatral

Os encontros extracurriculares promovidos pelo Teatro Escola Macunaíma e organizados pela professora Márcia Azevedo têm por objetivo o enriquecimento cultural dos alunos por meio do intercâmbio de experiências teatrais e da complementação dos conteúdos abordados nas disciplinas do curso. Relacionados sempre ao tema da Mostra, os encontros deste

semestre trouxeram os professores: Reginaldo Nascimento (30.03), Roberta Carbone (27.04) e Renata Mazzei (25.05). A seguir, registramos uma síntese dos debates, com uma breve apresentação de cada professor sobre sua proposta de exposição, seguida de alguns depoimentos dos alunos participantes.

Teatro Kaus: “Ação em tempos de Inquietude”

POR REGINALDO NASCIMENTO

Pensar o Teatro, o fazer teatral, no ventre do teatro de grupo, a inquietude de cada indivíduo e sua busca pela construção de poéticas cênicas, experiências que vivenciamos e que podem ampliar o debate sobre a inquietude que nos move, que se manifesta em cada novo processo de trabalho, em cada novo olhar sobre a cena, a cada dia que estamos no teatro, este foi o foco do Café Teatral, um encontro festivo para brindar o teatro.

POR BETO RIBEIRO (PA5)

Esse agradável encontro com o Professor Reginaldo Nascimento, diretor do Grupo Kaus Cia experimental aconteceu no dia 30/03 no Teatro 5 às 20 horas. Logo no início, Reginaldo conta um pouco da história da sua companhia, de seu trabalho dentro dela, e de sua inquietação e de como foi o início de seu grupo, que veio de São José dos Campos, interior de São Paulo para a capital. Na sequência, ele fala deste amor que ele possui pelo teatro e como este amor inquieto e inconformado o impulsiona a seguir na profissão que ele escolheu. Neste ponto ele afirma “Não existe teatro sem inquietude.” Abrindo aqui um parêntese, dos pontos que me faz gostar de ouvir o professor Reginaldo: a sua empolgação, e do amor com que ele a fala de sua profissão, a dedicação e o entusiasmo que contagia as pessoas que estão perto dele. Para mim é impossível não fazer tietagem, pois realmente admiro o conhecimento, a dedicação que ele tem para com esta arte que me é tão cara. É muito enriquecedor ouvi-lo contando

como foi o seu encontro com Plínio Marcos e de sua montagem de Homens de papel feita embaixo de um viaduto, um espaço inusitado para uma apresentação, mas que cabe perfeitamente dentro do contexto desta história. Como eu gostaria de ter visto!

Continuando com a apresentação de seu grupo e de seus objetivos, ele fala sobre o teatro sul-americano e como não conhecemos e não valorizamos o que está acontecendo nos nossos vizinhos, que estão muito mais próximos da nossa realidade social, e como seria importante para o panorama teatral brasileiro conhecer melhor o que se passa na realidade teatral latino-americana.

Em um determinado momento da apresentação ele nos conta como foi seu encontro com Fernando Arrabal, quando o Grupo Kaus o trouxe ao Brasil, e de sua montagem de O grande cerimonial (Ufa! Este eu pude ver.), e do encontro entre Fernando e Ruth Escobar, dois ícones do teatro mundial, que eu não saberia reproduzir aqui, mas que levarei como um momento terno e mágico do teatro para o resto da minha vida.

Após um vídeo de poucos minutos sobre a trajetória e a história do Grupo Kaus para ilustrar os fatos narrados anteriormente, o professor Reginaldo abre um espaço para que os alunos presentes possam fazer perguntas, que foram as mais variadas possíveis, demonstrando a inquietação dos alunos de todos os PA's. A minha inquietação como um aluno que está se formando, saindo da escola, é como montar um grupo que dure e seja viável como o Kaus, e a resposta dele foi “(...) paciência, maleabilidade, respeito inquietações em comum (..)”, ele ainda explicou que não há exclusividade e que alguns atores do Grupo Kaus fazem outros trabalhos em outros grupos. Outro ponto interessante foi quando perguntaram sobre



o Stand up comedy e o professor Reginaldo disse que o teatro brasileiro tem espaço para todos, tem para os Stand ups, para os musicais milionários e para o teatro feito pelo Grupo Kaus.

Finalizando o encontro, foi discutida também a questão do mercado de trabalho e a necessidade de se correr atrás: trabalhos bons não caem do céu, tem que batalhar para conseguir, esta foi a mensagem final desse encontro.

POR ERIKA RESAN (EX-ALUNA)

Existe uma desculpa melhor para estar entre amigos e conversar, discutir do que um bom café?

O Café Teatral Macunaíma tem como objetivo reunir de forma informal e ao mesmo tempo séria, para um encontro um encontro de reflexão e abertura de muitas ideias, que talvez em aula não são ditas.

Neste 2012, o Café Teatral foi inaugurado pelo tema da mostra: "Ação em tempos de inquietude", regido pelo prof. Reginaldo Nascimento, que em seus 22 anos de estrada trouxe seus grandes feitos do teatro com seu Grupo Kaus.

Estar inquietos é agir e resolver as questões da vida em relação à arte, e causar reações, e se for preciso a desordem, o caos faz surgirem inovações e grandes feitos...

O Café Teatral é uma porta aberta para expor ideias não só em relação às montagens, mas sobre este teatro novo, que fazemos, e o velho, que nos espelhamos e é parte de nós.

O encontro, que aconteceu no Teatro 5 trouxe faixas etárias diferentes e abriu discussões deliciosas.

Nesta Mostra teremos duas montagens de Albert Camus o Estado de sitio e este Café foi fantástico, para vermos como o mesmo tema tem tantos

olhares e extensões.

O Café Teatral está aberto para a sua viagem teatral: a ditadura acabou, a liberdade de expressão é nossa e isso o Café deixa bem resolvido.

O encontro mais caloroso e íntimo de falar, ouvir é a arte do aluno com arte, do teatro em encontro com a vida aqui fora.

Reinventamos os encenadores, "os alunos" e o fazer teatral.

Buscamos uma sociedade inteira e seus problemas através do teatro e neste tema Inquietude... procuramos e provocamos essas obras que fazem pensar o caos.

Agradeço desde já à Escola e a prof. Márcia Azevedo, organizadora do evento

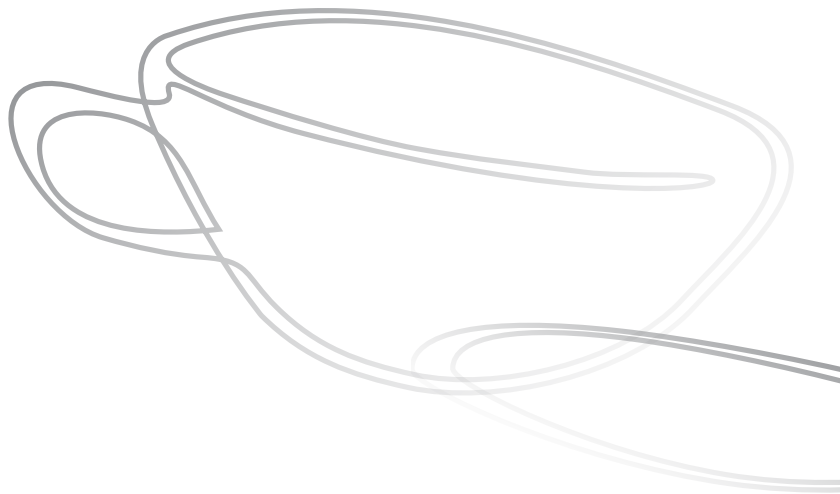
Sejam bem vindos!

Diz a letra de uma música: "estou ficando louco de tanto pensar!". ■

O Centro Popular de Cultura (CPC)

POR ROBERTA CARBONE

Para refletir sobre o tema "Ação em tempos de inquietude", optei por buscar uma referência histórica do teatro brasileiro. Pois não há, a meu ver, período mais inquieto artisticamente do que os anos que antecederam o Golpe Militar de 1964. Tempos em que a prática artística refletia seu contexto e, principalmente, intervinha diretamente nas transformações políticas e sociais do país. Por isso tomei como tema o Centro Popular de Cultura, mais conhecido como o CPC, para, a partir dessa experiência, pensarmos o fazer teatral hoje. ■



**POR ROBERTO FARIAS (PA5)
ROBERTA CARBONE FALA SOBRE O CPC**

A Equipe do PROJETO tocARte assistiu nesta última sexta-feira, dia 27 de abril de 2012, à palestra da professora, pesquisadora e atriz Roberta Carbone no Teatro Escola Macunaíma.

O assunto foi “história do teatro”. Não, o assunto não foi o surgimento do teatro na Grécia e nem Stanislavski; foi sobre o Teatro Brasileiro. Mais uma vez esclareço que também não foi sobre Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro ou outro Monstro Sagrado do Teatro Brasileiro; o tema foi o CPC.

Confesso que, a princípio, fiquei intrigado e curioso sobre o assunto, pois, na minha ignorância sobre o teatro (ainda sou aluno) nunca tinha ouvido falar no CPC, Centro Popular de Cultura, e digo, foi uma prazerosa descoberta. Primeiro, pelo modo com que a Roberta conduziu a palestra: uma aula com uma contadora de história, e, além disso, o relato do que acontecia no Brasil no início da década de 60 e como uma garotada em um momento de inquietude, mexeu com as estruturas do País através da arte.

O CPC, criado em 1961, buscou uma cultura brasileira, popular e democrática, com o ideário de conscientizar as classes populares para uma revolução social. O Movimento expandiu suas ações pelo país inteiro e não se prendeu unicamente ao teatro; usou a música, a literatura, o cinema e as artes plásticas para falar com a população. Com a chegada dos militares ao poder e a forte repressão da época o movimento foi sufocado.

Durante a palestra pensei muito nos “Grandes Mistérios” criados pela igreja na Idade Média, que usava o teatro para evangelizar o povo. Diante desse cenário surgiu a questão: O que o CPC fez

foi arte ou a arte foi apenas usada em prol de projetos políticos? Até que ponto o artista deve dizer diretamente o que pensa e dessa forma conduzir seu público pelo caminho que deseja?

Vamos trazer a discussão mais próxima do mundo do PROJETO tocARte, o teatro.

Atualmente, tirando a comédia, que talvez use a política mais no intuito de provocar o riso do que conscientizar a população, nada se fala de política; é muito difícil vermos peças provocando a plateia nesse sentido, talvez até mesmo porque o povo brasileiro está em um momento que não deseja pensar e apenas entreter-se.

Acredito que o desejo do CPC era mesmo político, principalmente pela atmosfera existente no país à época de sua criação, porém com inteligência e genialidade usaram a arte em busca de um caminho alternativo, diferentemente dos que pegavam em armas ou para buscar uma outra via ou para manter o poder. Será que se o ideário do CPC tivesse prevalecido o Brasil não teria conquistado outro patamar ao invés de estar entre os países mais corruptos do mundo? Será que a distribuição de renda, o acesso à educação, saúde e cultura não seriam exceções e sim regras hoje? Quem sabe as mazelas daquele período não estivessem tão presentes hoje.

Por outro lado, penso que o artista não deve ditar através de sua influência um caminho a ser seguido; isso é considerar que público não tem capacidade de discernimento.

O PROJETO tocARte não tem o conhecimento suficiente, nem a pretensão de criticar o CPC, longe disso, sem contar que os tempos hoje são outros, queremos apenas fomentar a discussão colocando nossa opinião. Acreditamos que o ar-

tista, e o teatro mais particularmente, deve “tocar” na política, que o povo deve ser instigado a pensar, a ser crítico e decidir qual caminho quer para sermos uma nação melhor.

Agradeço à Roberta pela palestra e por nos ter passado seus conhecimentos, mas, principalmente, por tão gentilmente ter aceitado o debate que acredito nosso país estar precisando.

O PROJETO tocARte foi criado por alunos do Teatro Escola Macunaíma e tem por objetivo a articulação de um grupo de pesquisa e trabalho relacionados ao teatro.

POR PLÍNIO P. F. SIMÕES (PA3)

Sobre a palestra no Café Teatral “O Centro Popular de Cultura (CPC)” por Roberta Carbone.

A Professora e mestre Roberta Carbone além de pertencer a Cia. do Latão com a qual apresentou recentemente “Ópera dos Vivos” no Sesc Belenzinho e no Centro Cultural São Paulo, ministrou no último dia 27 de abril no Teatro Escola Macunaíma a trajetória do CPC mediante uma apresentação histórica no contexto da ditadura (Que não poderia ser diferente) fazendo um paralelo vital com a cena teatral contemporânea.

Acima de tudo, com eloquência, demonstrou o interesse em passar para os alunos presentes do Teatro Escola Macunaíma, qual a importância de se conhecer o Teatro Oficina, e o não menos importante o CPC antes e durante a ditadura. Mais do que conhecer somente historicamente, foi proposto uma reflexão com esse teatro e com o teatro de hoje, das nuances que ainda restam daquela época nos dias atuais. Como por exemplo, Fazer teatro hoje seria o quê? Fazer teatro ou fazer políti-

ca? O que seria o Teatro hoje?

A conversa rodeou os assuntos de outrora bem como os atuais: sobre a cena teatral de hoje, os debates ocasionados por Schwartz e Caetano Veloso, as cias de teatro atuais que fazem uma proposta cênica pertinente, nos disse sobre seu mestrado, sobre a arte cênica contemporânea e houve um debate muito rico e muito bem articulado entre os alunos e a professora.

Reflexões que estimularam a todos os presentes com um pensamento. Não dá para fazer teatro hoje, sem esquecer-se que habitamos uma sociedade em constante mudança (E com problemas que se repetem); criar uma peça, uma cia de teatro ou qualquer projeto artístico se alienando da sociedade só tornaria a peça em algo inverossímil. ■

Usar as inquietudes como fonte de criação

POR RENATA MAZZEI

Por meio das minhas experiências no Mestrado, no curso que realizei na Inglaterra e na peça ***Uma questão de tempo*** que desenvolvo em parceria com outros atores, pretendo conversar com as pessoas presentes sobre como utilizei minhas insatisfações e incômodos para a criação cênica e, por meio dessa discussão, pensar os caminhos que estes estímulos podem trazer. No caso apenas apresentamos o tema, pois o Café Teatral se realizou depois do fechamento desta edição do Caderno de Registros. ■